

Percepção dos Acadêmicos de Medicina Sobre o OSCE

Perception of the Medical Students About the OSCE

Lucio Luiz Preis de Cesaro Cavaler¹, Mateus Vasconcelos Patrício ²⁺, Mayra Sônego³, Kristian Madeira^{4*}

¹Graduando no curso de Medicina, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário CEP: 88806-000 - Criciúma-SC. E-mail: luciocavalerr@gmail.com

²Graduando no curso de Medicina, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário CEP: 88806-000 - Criciúma-SC. E-mail: mateusvpatricio@gmail.com

³Professora no curso de Medicina, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário CEP: 88806-000 - Criciúma-SC. E-mail: mayrasonego@unesc.net

⁴Professor no curso de Medicina, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário CEP: 88806-000 - Criciúma-SC. E-mail: kristian@unesc.net

*Autor correspondente: Kristian Madeira. Curso de Medicina, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário CEP: 88806-000 - Criciúma-SC. E-mail: kristian@unesc.net

+Todos os autores do presente estudo declaram que o segundo autor contribuiu da mesma forma que o primeiro autor.

Vinculação do artigo: Universidade do Extremo Sul-Catarinense – Criciúma/SC

Fonte de financiamento: próprios autores.

RESUMO

OBJETIVO: Avaliar a percepção dos acadêmicos de medicina de uma universidade do extremo sul catarinense sobre o Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE). **MÉTODO:** Os dados foram coletados através de questionários elaborados pelos pesquisadores e aplicados aos alunos do curso de medicina, que fizeram OSCE na UNESC até o momento da pesquisa (30 de maio de 2019). Os questionários continham questões sobre o perfil dos alunos, as percepções que tiveram sobre o OSCE e o nível de satisfação dos estudantes nas áreas avaliadas. **RESULTADOS:** Obteve-se uma taxa de resposta de 73,5% com um número de 114 questionários incluídos na amostra. Os dados demográficos revelaram uma população de predominância feminina (59,6%) e caucasiana (95,6%). A grande maioria dos participantes da pesquisa conheciam os objetivos gerais do OSCE (95,5%) e também o consideram importante (96,5%). Observou-se de forma geral que os alunos se sentiram satisfeitos com seus desempenhos na avaliação. "Avalia os conhecimentos teóricos na prática" foi o ponto positivo mais citado pelos alunos na importância do OSCE. **CONCLUSÃO:** Os estudantes consideram o OSCE importante e conhecem seu objetivo. Além disso, os acadêmicos se sentem preparados e satisfeitos com seus desempenhos na avaliação. O principal ponto negativo relatado pelos alunos foi o nervosismo.

Palavras Chaves: Medicina Clínica, Educação Médica, Avaliação Educacional.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To evaluate the academic perception in a university of extreme South of Santa Catarina about the objective structured clinical examination (OSCE). **METHODS:** data were collected through questionnaires, elaborated by the researchers, and applied to the medicine students, that took the test, at UNESC, until the moment of the research (may 30, 2019.) The questionnaires had questions about the academic profile, satisfaction level in each medical area, and their perception about the entire OSCE. **RESULTS:** We obtained a response rate of 73.5% with a number of 114 questions included in the sample. Demographic data revealed a predominantly female (59.6%) and Caucasian (95.6%) population. A large majority of survey participants knew the OSCE's overall objectives (95.5%) and consider it important (96.5%). It was noted that the students feel satisfied with their performance in the exam. "Evaluated theoretical knowledge in practice" was the most quoted positive point by the students, on the importance of OSCE. **CONCLUSION:** the students consider OSCE important and know their purpose. Besides, they also feel prepared and satisfied with their performance in the assessment.

Keywords: Clinical Medicine, Medical Education, Educational Evaluation.

INTRODUÇÃO

Para se avaliar o desempenho acadêmico existem vários métodos, estes são exemplificados na Pirâmide de Miller, um modelo de aprendizado, idealizada por Miller em 1990. Esta traz uma estrutura que ajuda a definir claramente alguns domínios necessários pelos acadêmicos, e avaliações que englobam os saberes principais: conhecimento e desempenho. O primeiro pode ser visto pelos níveis de recordações “saber” e “saber como fazer” tendo como exemplo provas de múltipla escolha e prova escrita, já o segundo que abrange o nível “demonstrar”, como exemplo OSCE ou demonstração de procedimentos em modelos, e o nível “fazer” que seria avaliação ao observar interação com paciente real¹.

O OSCE, método avaliativo que simula determinadas situações em que o acadêmico terá que resolver, ganhou considerável espaço no meio referente a avaliações de estudantes e residentes de medicina, além de sua utilização em avaliações somativas ou formativas em todo o mundo. Este fato comprova-se porque o método revela ótima forma de avaliar as habilidades clínicas, o conhecimento, as atitudes, a comunicação e o profissionalismo do avaliado. Ainda, engloba a possibilidade em observar como o examinado comporta-se em resolver problemas que envolvam dilemas éticos e legais².

Ainda, por se tratar de um ambiente controlado, o OSCE tem a capacidade de avaliar superiormente o examinado sobre um assunto específico, essencialmente por realizar a situação simulada conforme o conteúdo pré-determinado. Além disso os procedimentos padronizados geram objetividade e maximizam uma forma específica de avaliação, diferente de situações reais em que os assuntos apresentados para os alunos são aleatórios, pois dependem do que o paciente vem a relatar³.

De acordo com as Diretrizes Nacionais Curriculares de 2001 e, mais recentemente, com as de 2014, a aprendizagem baseada em competência tem um papel importante no ensino médico brasileiro. Os documentos apresentados dividiram as competências em domínios, como conhecimento médico, cuidado com o paciente, profissionalismo, competências de comunicação clínica e interpessoal, prática baseada em aprendizado. O OSCE é altamente específico para avaliar as competências clínicas expressadas, já que não se limita somente ao conhecimento, necessitando efetivamente da prática do mesmo. A utilização do OSCE no Brasil vem crescendo em detrimento da sua especificidade em práticas clínicas, sendo de extrema importância analisar a percepção dos estudantes sobre essa prática².

Em outras faculdades, principalmente no exterior, o OSCE é bastante difundido e tido como a principal avaliação de exame clínico, sendo assim, nem sempre ele é manuseado de forma completamente fidedigna ao modelo clássico, devido ao seu alto nível de complexidade e exaustão perante as demais avaliações tradicionais. Pode-se observar essas divergências, pelas propostas múltiplas de OSCE, como por exemplo o OSCE virtual praticado pela Fundação Santa Fé de Bogotá, muito semelhante ao OSCE tradicional, porém a avaliação consiste de um software

com paciente virtual, que através de um simulador de casos, o aluno é questionado e avaliado em cada um dos quesitos: apresentação, identificação, interrogatório, exame físico e diagnóstico⁴.

Para que o teste atinja seus objetivos é imprescindível uma postura de comprometimento por parte dos estudantes. Por ser um ótimo método avaliativo para o exame clínico, diferente do padrão tradicional, é importante a seriedade dos mesmos para que ocorra a total funcionalidade do método nas instituições que estão usando-o. Diante disso o presente trabalho buscou avaliar a percepção dos acadêmicos frente à realização do teste.

MÉTODO

Foi realizado um estudo observacional transversal, com coleta de dados primários e abordagem quantitativa, com devidos fins de avaliar a percepção dos acadêmicos de medicina de uma universidade do Extremo Sul Catarinense sobre o OSCE. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC sob parecer nº 3.088.817 (CAAE: 03864818.7.0000.0119) no ano de 2018.

Estimou-se uma população alvo do estudo de 155 alunos regularmente matriculados no curso de Medicina da Universidade do Extremo Sul Catarinense no primeiro semestre de 2019, em análise ficou determinada uma amostra mínima de 111 participantes segundo cálculos utilizando as fórmulas propostas por Callegari-Jacques⁵ e Barbetta⁶, considerando um erro amostral máximo de 5% e confiança de 95%. Foi adotado como critério de inclusão alunos que realizaram o OSCE em qualquer momento do curso, até a data da coleta dos dados.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários aplicados no período de 15 de abril a 30 de maio de 2019, através do contato com o professor de cada turma, que gentilmente forneceu um espaço de sua aula para realização dos questionários. Estes questionários, elaborados pelos autores da pesquisa, foram entregues impressos para os alunos, contendo questões objetivas e subjetivas relacionadas ao perfil dos acadêmicos (idade, sexo, fase, raça), as percepções sobre o OSCE (objetivo, importância, influência na carreira profissional, preparação dos alunos, leitura das questões, acesso ao gabarito e dedicação) e ao nível de satisfação dos alunos nas áreas avaliadas no teste. As respostas abertas foram distribuídas em categorias de acordo com os temas aos quais os estudantes fizeram referência. Os dados obtidos foram transcritos e analisados no *software IBM Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21.0. A idade (anos) foi expressa por meio de média e desvio padrão. Já as variáveis qualitativas foram expressas por meio de frequência e porcentagem. As análises inferenciais foram realizadas com nível de significância $\alpha = 0,05$ e, portanto, confiança de 95%. A distribuição da idade (anos) foi avaliada quanto a normalidade por meio da aplicação do teste de Kolmogorov-Smirnov.

A associação entre as variáveis qualitativas foi investigada por meio da Razão de Verossimilhança seguidos de análise de resíduo quando observada significância estatística.

RESULTADOS

A população alvo dessa pesquisa foi de 155 alunos, porém a quantidade de acadêmicos que responderam os questionários foi de 114, correspondendo dessa forma, uma taxa de 73,5% de resposta. Os dados referentes à tabela 1 revelaram uma população de predominância feminina (59,6%) e caucasiana (95,6%). Ainda na tabela 1, na primeira parte dos questionários, 95,5% dos acadêmicos afirmaram conhecer os objetivos gerais do OSCE, em contraposição com os 4,5% que afirmaram não ter conhecimento dos mesmos.

A tabela 2 demonstra as percepções gerais dos acadêmicos em relação ao OSCE. Inicialmente a taxa de acadêmicos que considera o OSCE importante foi muito superior à taxa de acadêmicos que não o considera importante, correspondendo a 96,5% e 3,5% respectivamente. Em relação aos objetivos principais do teste, 94,7% dos acadêmicos acreditam que o OSCE contribuiu positivamente para sua carreira profissional e 82% relata sentir-se preparado para a realização do OSCE em ocasiões futuras. Dentre os acadêmicos, a maioria alegou ter lido todos os questionamentos feitos durante o teste (88,6%). Em relação a termos avaliativos, apenas 20,2% dos estudantes incluídos nesta pesquisa tiveram acesso ao seu desempenho e 16% tiveram a iniciativa de estudar as matérias em que seu desempenho foi inferior, em comparação as demais, após a realização da prova.

A tabela 3 incluiu questões abertas a respeito da percepção dos acadêmicos em relação à qualidade da avaliação. Ao analisar a importância do OSCE, 66% afirma que o mesmo avalia os conhecimentos teóricos na prática, 12% declara que prepara o acadêmico para a vida profissional, 9% que prepara para a residência, 5% que permite ao aluno realizar uma auto avaliação, apesar disso, 3% relata que o grau de nervosismo prejudica o desempenho individual. Uma pequena parcela dos acadêmicos (2%) relata que o teste tem importância para a qualidade da universidade. Ao questionar os acadêmicos sobre a contribuição do OSCE para suas vidas profissionais, 35,3% comenta que o teste foi benéfico para aprimorar seu atendimento clínico, 29,4% diz que simula situações reais, 20,5% relata que permite ao aluno identificar as áreas que precisa estudar mais, 4,4% comenta que o OSCE é uma ferramenta útil para melhorar a qualidade do curso. Houve discordância de alguns alunos, que comentaram que a avaliação não condiz com a realidade profissional, e estes representaram 5,8% dos acadêmicos.

Ainda em relação à tabela 3, foi questionado aos alunos se estes se consideravam preparados para a realização do OSCE, 41,4% dos acadêmicos justificam estar preparados devido a sua experiência prática na vida acadêmica, 20,0% relata que os questionamentos estavam equiparados com os conteúdos abordados em sua fase acadêmica. Apesar disso 15,8% dos acadêmicos comenta que não tinha conhecimentos suficientes para resolver questões específicas de algumas áreas médicas, abordadas no teste. Também foi perguntado aos acadêmicos em relação a leitura dos problemas feitos no OSCE e 75,5% dos acadêmicos justificaram que leram, porque a leitura era essencial para responder adequadamente as

questões, porém 14% comenta que não leu todos os questionamentos, devido à falta de tempo. Outros 7% dos avaliados comenta que também não leu corretamente todos os questionamentos, devido ao nervosismo durante a prova. Por fim, foi indagado aos avaliados se estes obtiveram os resultados de seus desempenhos, e 72,6% afirma que a coordenação do curso não disponibilizou o desempenho, 11,3% não solicitou seu desempenho, porém 13% afirma que foi disponibilizado, pela coordenação do curso.

A quarta tabela, foi referente ao nível de satisfação geral em relação aos questionamentos específicos de cada área médica, abordadas no OSCE. Na relação médico paciente, 28,1% dos avaliados declararam-se muito satisfeitos, 63,2% satisfeitos, 5,3% indiferentes, 3,5% muito insatisfeitos. Na área de ginecologia, 12,3% afirmaram-se muito satisfeitos, 66,7% satisfeitos, 10,6% indiferentes, 9,6% insatisfeitos, 0,9% muito insatisfeitos. Em relação a área de pediatria, 5,3% dos avaliados julgaram estar muito satisfeitos, 61,4% satisfeitos, 13,2% indiferentes, 17,5% insatisfeitos, 2,6% muito insatisfeitos.

Na quinta tabela, que teve o objetivo de analisar comparativamente o nível de satisfação em cada área médica específica com o número de avaliados que leu todos os questionamentos do OSCE, é possível observar que, na área médica de ginecologia, a maioria dos acadêmicos que leu todos os questionamentos (71,3%) declarou-se satisfeita com a área em questão, em contraposição ao fato de que apenas 30,8% dos avaliados que não leram todos os questionamentos, marcaram a opção satisfeito no questionário. Em relação aos demais cruzamentos respectivos as outras áreas médicas em questão, não foram obtidos resultados estatísticos significativos.

DISCUSSÃO

No presente estudo, contamos com uma amostra com média de idade de 23 anos e de predominância feminina, o que vai de encontro com um estudo realizado com estudantes de medicina em uma universidade do Rio Grande do Sul⁷ e outro na Paraíba⁸. Em relação à raça, a maioria se declarou branco (a), dado semelhante ao encontrado no estudo de Millan e Arruda⁹ realizado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e em outro estudo “Iniciação Científica na Graduação: O que Diz o Estudante de Medicina?”¹⁰.

Nesta análise, ficou evidente que os estudantes de medicina da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) têm conhecimento em relação aos objetivos do OSCE, podendo ser devido às boas informações propagadas pela instituição sobre esse método avaliativo. A pesquisa também demonstrou que a maioria dos alunos considera o OSCE uma forma avaliativa importante, o que corrobora com o estudo aplicado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹¹, em que a maioria dos acadêmicos investigados considerou o OSCE uma ferramenta importante.

Em relação à contribuição para formação acadêmica, é possível a comparação ao estudo de Franco e colaboradores², que cita que todos os domínios necessários para formação médica, são abordados no OSCE, tais como habilidades clínicas, conhecimento, atitudes, comunicação e profissionalismo, ao passo que a extensa maioria dos alunos avaliados no presente estudo, afirma que o OSCE contribuiu positivamente para sua formação acadêmica, relacionando isto ao fato de que a avaliação auxilia no aprimoramento do atendimento clínico, que para ser realizado de forma ideal, é dependente dos mesmos domínios citados acima.

Este estudo observou também que a maioria dos acadêmicos declarou estar preparada para a realização do método avaliativo, sendo que destes, a maioria atribuiu o preparo à própria experiência prática acadêmica e ao fato de que o conteúdo dos questionamentos havia sido devidamente estudado em sala de aula. Dados semelhantes podem ser encontrados no estudo “Avaliação do exame clínico objetivo estruturado (OSCE) por estudantes e docentes de graduação em enfermagem”¹² em que a maior parte dos avaliados também evidenciou preparação adequada para realização da avaliação.

Em relação à leitura dos questionamentos apresentados para iniciar o teste, a maioria dos avaliados do presente estudo relata ter lido adequadamente os mesmos, sugerindo que o tempo destinado à leitura foi satisfatório, o que corrobora com o estudo de Neves¹² e colaboradores. Dos acadêmicos que leram todos os objetivos propostos no início da avaliação, estes o fizeram por acreditar ser necessário para responder adequadamente. Dentre os estudantes que não leram apropriadamente as questões, as principais justificativas encontradas foram que o tempo e o nervosismo atrapalharam.

A pesquisa também questionou se os alunos haviam tido acesso aos seus respectivos desempenhos, ao passo que a maioria dos acadêmicos não o obteve, justificando que a coordenação do curso não disponibilizou o que vai de desencontro com o artigo de Mitchell e colaboradores³, que afirma que para o OSCE ter sua efetividade otimizada, os avaliados devem ter acesso ao desempenho, com os fins de adquirir conhecimento para futuramente reduzir suas limitações. Ainda, devido a não terem acesso a seus desempenhos, quando questionados se estudaram a matéria que tiveram pior desempenho responderam negativamente indo em desencontro com o estudo “Percepções de Estudantes de Medicina Sobre o OSCE: Análise de seu papel como instrumento de avaliação formativa em uma universidade na Amazônia”¹³ em que a maioria afirmou que o teste estimulou a buscar mais informações sobre o tema.

Os alunos foram questionados sobre o nível de satisfação com seu desempenho em cada uma das matérias que o OSCE estava avaliando: relação médico paciente, ginecologia e pediatria. Nessas três categorias a maioria dos alunos responderam que se sentiram satisfeitos ou muito satisfeitos com seus desempenhos. Resultados semelhantes podem ser vistos no estudo realizado na Universidade de Birmingham (Reino Unido)¹⁴ no qual a maioria dos estudantes classificaram suas pontuações nas estações individuais como pouco ou muito satisfatório, tal como no estudo de Franco e colaboradores, em que a maioria dos acadêmicos também

classificou como satisfatória, sua participação no OSCE realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

A presente pesquisa é classificada como um estudo transversal e contém algumas limitações, dentre elas, podemos destacar o fato de não existir um questionário validado para a coleta realizada, resultando no uso de um instrumento próprio dos autores. Outra limitação que pode ser demonstrada é a pesquisa não ter composto todas as turmas de medicina da Universidade do Extremo Sul Catarinense, o que reduz o número de questionários respondidos, assim como a relevância estatística, já que não foram todas as turmas que realizaram o OSCE

Conclui-se que a maioria dos estudantes considera o OSCE uma ferramenta importante e conhecem seu objetivo. Além disso, a maioria dos alunos também relata que o OSCE contribuiu de forma significativa para sua formação acadêmica e de que se sente preparada para a realização da avaliação. Porém, quase a totalidade dos acadêmicos não tiveram acesso aos seus desempenhos, o que acaba prejudicando a efetividade do teste, uma vez que isto impossibilita os avaliados de corrigirem suas limitações baseadas no resultado do teste. O nível de contentamento geral com a aplicação do OSCE pode ser considerado como satisfatório, visto que em todas as áreas médicas que abrangeram o exame, os acadêmicos marcaram a opção satisfeito, no questionário.

REFERÊNCIAS

- 1.Hamdy H. Blueprinting for the assessment of health care professionals. *The Clinical Teacher*; 2006; 3(3)175-179.
- 2.Franco CAGS, Franco RS, Santos VM, Uiema A, Mendonça NB, Casanova AP, et al. OSCE para Competências de Comunicação Clínica e Profissionalismo: Relato de Experiência e Meta-Avaliação. [S.l.]: *Rev Bras de Educ Méd*; 2015; 39(3)433-41.
3. Mitchell ML, Henderson A, Groves M, Dalton M, Nulty D. The objective structured clinical examination (OSCE): Optimising its value in the undergraduate nursing curriculum. *Nurse Educ Today*. 2009 May;29(4):398-404.
- 4.Andrade AF, Madeira CAG, Aires SF. OSCE virtual: simulação de avaliação de casos clínicos. Campinas: II Congresso Brasileiro de Informática na Educação. 2013; 454-464.
5. Callegari-Jacques SM. *Bioestatística: princípios e aplicações*. Porto Alegre: Artmed; 2004. P. 255.
6. Barreta PA. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 7 ed. Florianópolis: UFSC; 2007. P. 315.
7. Morgan HL, Petry AF, Licks PAK, Ballester AO, Teixeira KN, Dumith SC. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. *Rev Bras Educ Méd* 2017; 41(1)102-9.
8. Costa GPO, Herculano TB, Gama ALH, Cabral RP, Campos DB, Oliveira DVS. Enfrentamentos do Estudante na Iniciação da Semiologia Médica. *Rev Bras Educ Méd* 2018; 42(2)79-88.

9. Millan LR, Arruda PCV. Assistência psicológica ao estudante de medicina: 21 anos de experiência. Rev Assoc Med Bras; 2008; 54(1)90-4.
10. Oliveira NA, Alves LA, Luz MR. Iniciação Científica na Graduação: O que Diz o Estudante de Medicina? [Brasília]: Rev Bras Educ Méd; 2008; 32(3)309–314.
11. Araújo JNM, Fernandes ANP, Costa RA, Junior MAF, Carvalho DP, Vitor AF. Avaliação de estudantes de enfermagem sobre o exame clínico objetivamente estruturado. Rev Eletr Enf; 2015; 17(3)1-8.
12. Neves RS, Barros AF, Esper MMA, Bezerra TJN. Avaliação do exame clínico objetivo estruturado (OSCE) por estudantes e docentes de graduação em enfermagem. [Brasília]: Com Ciência Saúde; 2016; 27(4)309-316.
13. Silva DKB, Santos BEF, Lopes BRS, Sena IS, Belfor JÁ, Moraes LSS, Junior MK. Percepções de Estudantes de Medicina Sobre o OSCE: Análise de seu papel como instrumento de avaliação formativa em uma universidade na Amazônia. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. 2019; 2(5)66-85.
14. Taylor CA, Green KE. OSCE Feedback: A Randomized Trial of Effectiveness, Cost-Effectiveness and Student Satisfaction. Creat Educ. 2013; 04(6)9-14.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Lucio Luiz Preis de Cesaro Cavaler e Mateus Vasconcelos Patrício idealizaram o projeto, foram as responsáveis pela coleta de dados, pesquisas bibliográficas necessárias ao trabalho e escrita do manuscrito. Mayra Sônego contribuiu com o conhecimento pessoal sobre o assunto e análise dos dados. Kristian Madeira idealizou, orientou metodologicamente e contribuiu com a análise estatística, escrita e revisão do manuscrito final.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Tabela 1. Características demográficas

	Média ± DP, n (%) n=114
Idade (anos)	23,75 ± 2,78
Sexo	
Feminino	68 (59,6)
Masculino	46 (40,4)
Raça	
Branco	109 (95,6)
Pardo	5 (4,4)
Conhece o objetivo do OSCE	
Sim	108 (95,5)
Não	5 (4,5)
Ausente	1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Tabela 2. Aspectos gerais sobre o OSCE.

	n (%)
n=114	
Considera o OSCE importante	
Sim	110 (96,5)
Não	4 (3,5)
OSCE contribuiu positivamente	
Sim	107 (94,7)
Não	6 (5,3)
Ausente	1
Sente-se preparado para fazer o OSCE	
Sim	82 (72,6)
Não	31 (27,4)
Ausente	1
Leu todos os questionamentos do OSCE	
Sim	101 (88,6)
Não	13 (11,4)
Teve acesso ao desempenho	
Sim	23 (20,2)
Não	91 (79,8)
Estudou a matéria que teve pior desempenho	
Sim	16 (14,0)
Não	98 (86,0)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Tabela 3. Variáveis pessoais sobre o OSCE.

	n (%) n=114
Por que considera o OSCE importante	
Avalia o conhecimento a prática	66 (66,0)
Prepara o acadêmico para a vida profissional	12 (12,0)
Prepara para a Residência	9 (9,0)
Permite ao aluno realizar uma autoavaliação	5 (5,0)
Não avalia bem pelo grau de nervosismo	3 (3,0)
Importante para a UNESC	2 (2,0)
Saber agir sob pressão	1 (1,0)
Avalia mais saber atuar do que o raciocínio clínico	1 (1,0)
Avaliar relação médico paciente	1 (1,0)
Ausente	14
Por que o OSCE contribuiu positivamente	
Aprimorar o atendimento	23 (35,3)
Simula situações reais	20 (29,4)
Identificar áreas que precisa estudar mais	14 (20,5)
Contribui para melhorar o curso	3 (4,4)
Não condiz com a realidade	4 (5,8)
Pela opinião do professor sob sua conduta	2 (2,9)
Experiência que o OSCE propõe	1 (1,5)
Ausente	46
Por que se sente preparado para o OSCE	
Pela experiência prática acadêmica	29 (41,4)
Questionamentos estavam equiparados para a fase	14 (20,0)
Sem conhecimento suficiente em algumas áreas	11(15,8)
Nervosismo	8 (11,4)
Pouca experiência na faculdade	6 (8,6)
Considera atividade preparatória e não avaliação	1 (1,4)
Devido a instrução dos preceptores	1 (1,4)
Ausente	44
Por que leu todos os questionamentos do OSCE	
Responder adequadamente	45 (75,5)
Faltou tempo	8 (14,0)
Nervosismo	4 (7,0)
Teve tempo para ler	2 (3,5)
Ausente	57
Sobre o acesso ao seu desempenho	
Coordenação não disponibilizou	45 (72,6)
Não pediu o desempenho	7 (11,3)
Acesso apenas a nota	4 (6,5)
Coordenação disponibilizou	4 (6,5)
Passaram as notas só de algumas estações	2 (3,2)
Ausente	52

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Tabela 4. Satisfação com o desempenho.

Nível de Satisfação	n (%)
n=114	
Relação médico paciente	
Muito insatisfeito	4 (3,5)
Insatisfeito	0 (0,0)
Indiferente	6 (5,3)
Satisfeito	72 (63,2)
Muito satisfeito	32 (28,1)
Ginecologia	
Muito insatisfeito	1 (0,9)
Insatisfeito	11 (9,6)
Indiferente	12 (10,6)
Satisfeito	76 (66,7)
Muito satisfeito	14 (12,3)
Pediatria	
Muito insatisfeito	3 (2,6)
Insatisfeito	20 (17,5)
Indiferente	15 (13,2)
Satisfeito	70 (61,4)
Muito satisfeito	6 (5,3)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Tabela 5. Relação leitura do OSCE e satisfação.

Nível de Satisfação	Leu todos questionamentos do OSCE, n(%)		Valor-p [¥]
	Sim n=101	Não n=13	
Relação Médico Paciente			
Muito Insatisfeito	3 (3,0)	1 (7,7)	0,340
Indiferente	4 (4,0)	2 (15,4)	
Satisfeito	66 (65,3)	6 (46,2)	
Muito Satisfeito	28 (27,7)	4 (30,8)	
Ginecologia			
Muito Insatisfeito	1 (1,0)	0 (0,0)	0,038
Insatisfeito	7 (6,9)	4 (30,8) ^b	
Indiferente	9 (8,9)	3 (23,1)	
Satisfeito	72 (71,3) ^b	4 (30,8)	
Muito Satisfeito	12 (11,9)	2 (15,4)	
Pediatria			
Muito Insatisfeito	2 (2,0)	1 (7,7)	0,697
Insatisfeito	19 (18,8)	1 (7,7)	
Indiferente	13 (12,9)	2 (15,4)	
Satisfeito	62 (61,4)	8 (61,5)	
Muito Satisfeito	5 (5,0)	1 (7,7)	

[¥]Valores obtidos após aplicação do teste Razão de Verossimilhança.

^bValor estatisticamente significativo após análise de resíduo.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.